



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

O que é a vida: valor de uso ou valor de troca?

Breno Serodio de Castro Rossi^I

O presente escrito tem como destino principal tecer uma resenha a respeito da obra “A vida não é útil” de Ailton Krenak, publicada em agosto de 2020 pela Companhia das Letras. O livro reúne cinco ensaios/capítulos que foram elaborados a partir de falas em eventos, *lives* e entrevistas concedidas pelo autor. Os esforços presentes nesses materiais se concentram em construir uma cosmopolítica valorizadora do direito à existência, sobretudo a vida dos “sub-humanos”, com raízes nos fundamentos ancestrais. Pode-se dizer, portanto, que a motivação central da obra é discutir as dimensões políticas, filosóficas e culturais da emergência climática que assola o planeta.

Ailton Krenak é originário da região do vale do rio Doce, território de seu povo, e presentemente atua junto aos movimentos socioambientais, defendendo contundentemente os direitos indígenas e a expansão do imaginário ontológico para além do capitalismo. O autor é Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pela Universidade de Brasília, também é organizador da Aliança dos Povos da Floresta e da União das Nações Indígenas. Em resumo, na visão de Krenak, os compromissos da humanidade com a Gaia; a Mãe Terra, são fundamentais para o adiamento do fim do mundo e da queda do céu – consoante ao defendido por Davi Kopenawa e Bruce Albert^{II}. Tendo em vista que a natureza é um organismo repleto de vida, assim como nós, os povos tradicionais enxergam seus “elementos” como partes integrantes de um cosmos mais amplo, no qual os seres humanos são constituidores de uma parte do conjunto – e não seu centro.

A obra é inaugurada com o capítulo “Não se come dinheiro”, no qual Krenak parte do pressuposto civilizatório e da própria noção de humanidade como ideias fracassadas, pois nessa concepção está inclusa somente a espécie humana, de maneira a fomentar uma apropriação da natureza em função das necessidades de consumo e reprodução da vida material exclusiva dos seres humanos. Assim, forma-se uma ideia ilusória de totalidade que os seres humanos aprenderam a denominar como humanidade. “É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade”^{III}. Logo, o caminho rumo ao progresso e ao desenvolvimento cobra um alto preço: a humanidade larga no percurso tudo que não contribui para o alcance desse suposto objetivo, inclusive alguns humanos.

Com a intenção de elucidar o equívoco dessa perspectiva de humanidade apartada, que engendra uma relação de alienação entre homem e natureza, Krenak chama a atenção para o fato de que todos os seres humanos, independente de distinções de classe e riqueza, sofreram, em alguma medida, as consequências dessa apropriação destrutiva do organismo da Terra (e o grande pano de fundo para essa discussão é a pandemia de covid-19). “Estamos experimentando uma gradual mudança na condição de vida no planeta e seremos todos postos no mesmo patamar”^{IV}. Nessa argumentação crítica ao capital econômico, ressalta que não somos mais governados por instituições de governo propriamente ditas, mas sim por grandes corporações. Por isso, lutamos contra fantasmas detentores de um poder manifestado por uma abstração concentrada em marcas aglutinadas.

O segundo capítulo “Sonhos para adiar o fim do mundo” intenciona resgatar a importância de um elemento natural em nosso entendimento enquanto seres humanos: o sonho. Contudo, diante da intensificação da subjetivação neoliberal, a sociedade tem deslegitimado esse elemento, enquadrando-o como um elemento místico. Por conta dessa nova forma de encarar os sonhos, Krenak defende o entendimento desses como uma extensão da realidade capaz que de transformar as condições materiais da sociedade.

Em outros termos, o sonho é uma instituição que prepara a sociedade para se relacionar com o cotidiano. Desta forma, os sonhos são ferramentas de auxílio ao devir da humanidade pautado em suas heranças culturais, todavia, não exclui as inevitáveis consequências das ações do homem – como as latentes mudanças climáticas. Em suma, os sonhos podem fornecer insumos instrumentais para o inconsciente coletivo enfrentar desafios políticos em prol da suspensão do céu e da ampliação do horizonte das espécies, não somente da humana. “O sonho é um lugar de veiculação de afetos”^V.

De forma subsequente, o terceiro capítulo chamado “A máquina de fazer coisas” é apresentado ao leitor. De início, Krenak utiliza a ancestralidade como elo afetivo do saber ao propor uma memória ancestral dos povos originários sobre a origem da vida e acerca da transformação dos seres vivos na Terra. Nessa defesa de cosmovisão, os seres humanos antes mesmo de serem humanos seriam “outras coisas”; como peixes e árvores. Assim, Krenak delinea o que é humano e o que não é humano e com isso, propõe a dicotomia de que a humanidade pertence à Terra, mas não a respeita – melhor dizendo; o ser humano ainda não assimilou seu pertencimento ao organismo vivo da Gaia.

Logo, quando esta compreensão for estabelecida e a “civilização” captar que algumas de suas ações comprometem o funcionamento deste grande organismo inteligente que é a Terra, superando seus desvios da totalidade da vida, “cada um de nós – não a economia, não o sistema todo – pode atuar positivamente nesse caos e trabalhar, digamos assim, por uma auto-harmonização”^{VI}. Entretanto, é imperioso ressaltar que o autor sublinha que não são escolhas pessoais que anularão o fato de que o planeta está sendo devastado. Para tanto, a saída deve ser coletiva com base em ações individuais não aprisionadas em um individualismo tolo, mas sim direcionadas para mobilizações coletivas.

No quarto capítulo “O amanhã não está à venda” o autor dá início a sua reflexão sobre a pandemia de covid-19 e seu isolamento no médio rio Doce. Nesse sentido, aponta que o povo Krenak já está isolado involuntariamente há muitos anos e isso, paradoxalmente, os fizeram mais resistentes. Porém, salienta a apatia da civilização diante “explosão”. Assistirmos a Terra não suportar mais nossas demandas de apropriação e exploração. A necessidade de “parar” imposta pela disseminação do vírus tornou esse fato ainda mais cristalino possível. “Essa dor talvez ajude as pessoas a responderem se somos de fato uma humanidade”^{VII}.

Em sua indagação do que viria a ser a humanidade, Krenak debate a manutenção da atividade econômica durante a pandemia. Ao citar a obra “Vigiar e Punir” de Michel Foucault^{VIII}, o autor demonstra como o discurso do *homo economicus*, preocupado com o funcionamento da economia, está intimamente ligado à instrumentalização do ser humano e de sua vida. Ou seja: humanos instrumentalizam outros humanos por meio da técnica em busca de mais-valia e assim, quando esse outro humano tem sua produção suspensa, ele se torna uma despesa inútil e descartável. Deste modo, a vida só se justifica a partir da produção econômica e da instrumentalização técnica dos sujeitos.

O quinto capítulo “A vida não é útil” questiona a lógica da utilidade ao revelar que esta foi uma problemática formada pelos europeus no processo de colonização. No mundo capitalista, a utilidade é atravessada pelo lucro em virtude de o ser humano só realizar alguma atividade se esta proporcionar ganhos. Esses ganhos lucrativos são resultantes do modo de alienação produzido pelo sistema e segundo o autor, o problema habita sobretudo nessa dinâmica de ganho, pois a natureza não acompanha seu ritmo utilitário. “Estamos devorando

alguma coisa por onde passamos”^{IX}. Nessa ponderação, reflete-se sobre os malefícios que o progresso técnico carrega em seu núcleo, uma vez que a destruição criativa sempre deixa rastros de extermínios em sua trilha rumo ao progresso. Entretanto, quem arca com as consequências desse arrasamento são os sub-humanos e os elementos vistos como apartados da civilização.

Para além de expor a visão do autor sobre questões da contemporaneidade global, o livro tem como característica fundamental a potencialidade filosófica e epistemológica para as ciências humanas como um todo. As obras de Krenak extrapolam a questão ambiental ao exercitar a expansão do horizonte concreto e simbólico, em termos individuais e coletivos. A partir de sua capacidade ímpar de articular problemas contemporâneos com “soluções tradicionais” o autor fornece uma robusta contribuição para pensarmos o presente e construirmos o futuro.

Mesmo que o capitalismo neoliberal-concorrencial insista em atribuir valor de troca à existência, Krenak apresenta reflexões e interpelações capazes de amparar a subjetividade contrária ao valor de troca (e também ao valor de uso), estimulando contra condutas e agenciamentos rizomáticos para a produção do comum. Portanto, com base em Krenak, a resposta para a pergunta presente no título desta resenha é: nenhum dos dois. A vida transcende o valor, pois é um campo aberto de experimentações, ontologias e possibilidades coletivas. A vida é fruição e não uma mercadoria.

Notas

^I Mestrando em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) e Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

^{II} (2019).

^{III} (KRENAK, 2020, p.10).

^{IV} (KRENAK, 2020, p.16).

^V (KRENAK, 2020, p. 37).

^{VI} (KRENAK, 2020, p. 53).

^{VII} (KRENAK, 2020, p. 79).

^{VIII} (1999).

^{IX} (KRENAK, 2020, p.95).

Referências bibliográficas

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Editora Companhia das Letras, 2020.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Editora Vozes, 1999.